

A PROVETA ARQUIVADA. REFLEXÕES SOBRE OS ARQUIVOS E OS DOCUMENTOS ORIUNDOS DA PRÁTICA CIENTÍFICA CONTEMPORÂNEA*

THE ARCHIVED TEST-TUBE. REFLECTIONS ON FILES AND DOCUMENTS
PRODUCED BY CONTEMPORARY SCIENTIFIC PRACTICES

ODILE WELFELÉ

Archives Nationales (França)

RESUMO – O trabalho fornece uma definição de “arquivos científicos contemporâneos”, que engloba duas entidades bem diferentes: os arquivos produzidos pela administração da pesquisa e os documentos oriundos da atividade de pesquisa propriamente dita. Com surgimento das redes eletrônicas, os traços da ciência evoluem e se modificam. Atualmente, é conveniente perguntar quais os traços da ciência são necessários conservar, com o intuito de aumentar este patrimônio de fundamental importância. Palavras-chave: arquivo científico; arquivista do contemporâneo; prática científica.

ABSTRACT – The study provides a definition of “contemporary scientific archives”, which comprises two very different entities: archives produced by the research administration and documents produced by the research activity itself. However, vestiges of science evolve and change mainly because of the growth of digital networks. Nowadays, it is convenient to ask which vestiges of science should necessarily be maintained, in order to increase this heritage, which is of primer importance. Keywords: scientific archives; archivists of the contemporary; scientific practice.

“Eu sei quem eu era quando me levantei esta manhã...”¹

Os arquivos contemporâneos estão na origem de numerosos questionamentos tanto no que se refere à sua natureza² quanto na definição do papel que têm a desempenhar seus anjos guardiães (os arquivistas). Visto que não seria problema para um arquivista profissional falar de “arquivos contemporâneos” sem rapidamente oferecer precisões geográficas e temporais, indicações de fluxo e refluxo, mortalidade ou longevidade, resultado de adições e subtrações, quantidades, metragens, volumes; nós esperaríamos descrever mais facilmente os atores do arquivamento.

Coloquemos, a nós mesmos, a questão que ouvimos frequentemente em encontros interdisciplinares ou jantares na cidade: o que são exatamente os arquivistas do setor contemporâneo? E, como alguns nos reduziriam voluntariamente ao estado animal³, poderíamos quase ousar uma irreverência: os arquivistas, o que são, acompanhado da variante, servem para o quê? Para evitar qualquer interpretação mais

66

peçoal, deve-se percorrer a literatura profissional francesa para ver surgirem denominações as mais diversas. “Sábios, eruditos”⁴, doces confusos, forasteiros que só trabalham para o devir, *ghost-writers*⁵ que fazem os trabalhos difíceis, ingratos e mal pagos, para permitir aos grandes mestres construírem suas brilhantes sínteses, burocratas, vítimas do desprezo, brincalhões profissionais, guardiães de escritos da memória, memoristas⁶, gestores de documentos administrativos, especialistas em organização e métodos, missionários e místicos⁷, cirurgiões do sertão, merceeiros do bairro ou diretores de supermercado⁸. Para acrescentar, juntemos, a título de divulgação científica, dois arquivistas de cinema: Sam Lowry, herói sonhador da liberdade das mulheres e de homens na cidade⁹ e Jean-Hughes Anglade, quando ele diz a Clémentine Célarie: “eu procuro os ratos mortos. O que eu chamo de ratos mortos são os velhos arquivos, as crônicas antigas. Eu busco coisas submersas. Este é o meu trabalho”¹⁰. Nós podemos parar aqui esta lista, tanto exaustiva de ler como de estabelecer, sob pena de dizer como Alice: “eu sei quem eu era quando me levantei esta manhã, mas eu creio ter mudado várias vezes depois...”¹¹. Olharmo-nos no espelho, afinal de contas, não é tão fácil. Talvez tivéssemos mais sucesso na reflexão sobre qualquer um dos objetos sobre os quais exercemos nossa prática. Escolhemos debruçar-nos, aqui, sobre os arquivos científicos contemporâneos.

“- Eu não posso me lembrar de coisas que ainda não aconteceram”.

“- É uma pobre espécie de memória que anda somentepara trás, afirmou a rainha”¹².

Ao utilizar a expressão “arquivos científicos contemporâneos”, subentende-se que eles são diferentes dos outros tipos de arquivos. Eles formariam, por dois motivos, uma categoria à parte; estes arquivos seriam, ao mesmo tempo, dotados de características próprias (não são arquivos industriais, nem minutas notariais ou registros carcerários) e, já que especificamos “contemporâneos”, eles estariam submetidos aos processos de criação e de conservação que requereriam a abordagem específica reservada às produções recentes. Seria, então, necessário dotá-los de um método de análise, se não totalmente novo, pelo menos amplamente renovado.

O que queremos dizer com a expressão “arquivos científicos contemporâneos”? No contexto profissional, que é o nosso, o uso desta expressão, sem outra especificação, limita-se a uma simplificação pouco imaginativa: nós pensamos saber do que falamos e pensamos ter compreendido seu interlocutor, sem nos darmos ao trabalho de verificar a validade deste intercâmbio. Esta vontade de precisão, longe de esclarecer uma problemática, a reveste de equívoco. Para dizer a verdade, não é um interrogatório em regra, conduzido por um colega mais curioso que os outros, que nos levou para além destas três palavras a fim de refinar o seu conteúdo, mas, sim uma quase impossibilidade de dialogar com aqueles aos quais nós devemos o nosso material de trabalho: os cientistas. O trabalho de coleta e de tratamento de arquivos científicos contemporâneos “históricos”¹³ (uma palavra se acrescenta à lista) e a participação regular em um seminário de história das ciências¹⁴ nos levou a encontrar diferentes interlocutores: os “produtores” (pesquisadores das ciências, franceses ou estrangeiros) destes arquivos, assim como arquivistas formados neste campo¹⁵. Entre eles, o intercâmbio é agravado pela ignorância, até mesmo pela incompreensão total das necessidades, dos métodos de trabalho e dos desejos dos protagonistas. Por ocasião dos trabalhos anteriormente citados, encontramos arquivos entulhados nos armários e que escaparam da destruição¹⁶. Para salvaguardá-los, operações muito tradicionais de recolhimento de dinheiro, de recrutamento de prestadores de serviço, e de estabelecimento de planos de classificação, foram montadas com certo sucesso, graças ao apoio de laboratórios que conservavam estes arquivos e de historiadores que descobriram e chamaram a atenção para os fundos e os arquivos departamentais. Quando se trata de saber, hoje [em 1993], como os herdeiros ou os sucessores daqueles que produziram estes documentos trabalham, e quais traços de suas atividades de pesquisa deixarão a título de memória documental, ficou muito

claro que o mundo tinha mudado. Falávamos em documentos virtuais, desvario da eletrônica, desaparecimento do papel, internacionalização dos meios científicos e um de seus corolários, atomização e dispersão dos temas de pesquisa, inutilização dos recursos do passado, aceleração da renovação das ferramentas da ciência... Parece-nos urgente redefinir claramente nosso campo de ação e nosso domínio de competência para não correremos o risco de qualquer dia ouvir dizer ou mesmo de chegarmos nós mesmos a dizer: não existem mais arquivos científicos. Deste cenário-catástrofe decorrem duas hipóteses: não haverá mais arquivos científicos porque nós teremos fracassado no nosso papel de conservadores (e coletores) de certa memória. E, neste caso, é preciso se questionar sobre a adequação de nossos métodos à realidade. Ou então, “não haverá mais arquivos” significará que certos tipos de documentos estão doravante em vias de desaparecimento; porém, outros tomarão o seu lugar e iremos, então, nos questionar sobre as práticas documentais hoje em vigor nos laboratórios.

A arquivística tradicional poderá não estar adaptada à realidade das práticas científicas contemporâneas¹⁷. Da mesma maneira que a história, a arquivística deve se renovar e se redefinir: “ciência da dominação do passado e consciência do tempo, ela deve, ainda, se definir como uma ciência da mudança, da transformação”¹⁸. Por querer permanecer demais numa visão esclerosada do documento, o arquivista contemporâneo se condena ao desaparecimento, pela falta de arquivo ou, mais precisamente, pela falta de arquivos pertinentes. “É preciso estudar as ciências atuais enquanto elas são feitas, e plenas de controvérsias, de modo a sair definitivamente do conforto intelectual dos historiadores que chegam, como os policiais da canção, sempre tarde demais”¹⁹. Chegar tarde demais: é a idéia fixa do arquivista consciente e uma aflição quase cotidiana. As mudanças, as aposentadorias e os falecimentos são ocasiões tanto para esvaziar armários e sótãos (as famílias destroem tanto quanto os colegas) como para encher lixeiras. Ora, duas pessoas deveriam coabitar nos arquivos: o conservador - aquele que coleta a memória e utiliza o seu saber-fazer - e o pesquisador - quer dizer, aquele que reflete sobre os novos modos de constituição documental aceitando esquecer que sabe ou acredita saber o que convém fazer. Há que se criar um novo modelo de arquivística que acompanhará o novo arquivo. Nós poderíamos retomar, palavra por palavra, o que Michel de Certeau diz do historiador²⁰: “ele não é mais um homem para construir um império. Ele não visa mais o paraíso de uma história global. Ele trabalha nas margens. A esse respeito, ele se torna um marginal”.

“Um monstro imóvel”²¹

As palavras “arquivos científicos contemporâneos” envolvem duas entidades bem diferentes: os arquivos produzidos pela administração da pesquisa (ministérios e organismos de tutela, sedes centrais ou estruturas administrativas descentralizadas dos centros e institutos, serviços administrativos e financeiros dos laboratórios) e os documentos oriundos da atividade de pesquisa propriamente dita (exploração, experimentação, teorização).

Os arquivos da administração da pesquisa são os que mais se parecem com os arquivos administrativos tradicionais. A gestão de recursos e de pessoas, as pesquisas de financiamentos, os contratos e convenções, os relatórios de atividades; todo aquele documento que é bem identificável, estocável e inventariável, facilmente manipulável pela arquivística tradicional. Os problemas encontrados são inerentes aos problemas de tratamento, de conservação e de eliminação de todos os arquivos contemporâneos. Eis aqui uma primeira definição de “arquivos científicos”.

Os locais de produção dos documentos da ciência não se encontram nos ministérios e nas sedes sociais dos grandes organismos de pesquisa, eles estão nos laboratórios, lá onde a ciência se elabora, se transforma, trabalha, manipula-se, como dizemos. Nós temos, aliás, mais dificuldade para aplicar a palavra “arquivo”, do que para qualificar o que a atividade científica produz. Esta palavra, que nos é familiar, é totalmente estranha a este universo. O que resulta da observação, da reflexão e da experimentação, passa por diferentes formas e suportes antes de resultar em algumas linhas sobre o papel (o artigo). A atividade de pesquisa produz papel²², claro, e este é o seu objetivo prioritário. Entretanto, ela produz mui-

tas outras coisas: culturas de células sobre plaquetas, coleções (de rochas, de insetos, genótipos...), máquinas-ferramenta, protótipos, bases de dados, mapas, gráficos, animais, filmes e... papel: relatórios de atividades, pedidos de financiamento, teses, correspondência sobre os temas das pesquisas... Mas eis que os cientistas consideram somente um documento como digno de conservação: é a separata, o resultado de seu trabalho. Aliás, muito freqüentemente, no laboratório, é o único documento acessível ao arquivista, o único que escapa de repetidas destruições. Claro, a separata é a prova de uma pesquisa, freqüentemente concluída e bem sucedida, uma ferramenta de comunicação sem igual e um instrumento da gestão de uma carreira. Todos os outros suportes da comunicação, testemunhos das etapas intermediárias da atividade científica, são de natureza instável: versões provisórias de textos editados com a ajuda de corretor de texto, correspondência transmitida por fax ou por correio eletrônico, bases de dados atualizadas sem cessar, sem que geralmente esteja previsto um arquivamento histórico, listagens defasadas desde que já impressas, etc.²³. A conservação destes materiais intermediários é aleatória e precária.

Os verdadeiros arquivos científicos, onde eles se encontram afinal? Nós podemos, sim, nos contentar com uma visão burocrática (arquivos da administração da pesquisa). Isto seria menos mal. Informações importantes estão encerradas aí e sua conservação, muitas vezes centralizada, é bastante fácil de organizar. Mas estes documentos, que servem para gerir a pesquisa, só fornecem uma visão esclerosada, imagem "oficial" do mundo da pesquisa que, se ela os utiliza e os produz, ao mesmo tempo os menospreza. Pois ninguém ignora que um relatório de atividade, uma solicitação de financiamento, até mesmo uma publicação, são extremamente otimistas quanto ao trabalho consumado e às realizações que estão por vir. Não se trata de contar como se realmente trabalha, trata-se de convencer os organismos e serviços aos quais eles se destinam, a fim de obter os maiores recursos possíveis. Nós também podemos decidir ir lá onde está a verdadeira veia científica. O trabalho do arquivista será, então, o de saber quais relações os pesquisadores mantêm com suas produções documentais; de definir que valor estas produções podem ter para a história das ciências e não ignorar, de todo, o discurso indiferente dos cientistas diante desta história; de atrair a atenção dos cientistas sobre a utilidade de construir uma memória; de encontrar os meios de conservá-la, de fazer um inventário dela e de tornar sua existência conhecida para historiadores e sociólogos das ciências. A verdade é que é preciso romper com as autonomias disciplinares. Os métodos de trabalho deverão ser inventados e as fronteiras disciplinares deverão ser abolidas.

Existe um arquivista no laboratório?²⁴

Deixemos de lado, por um momento, o espinhoso problema da coleta de fundos privados²⁵ para nos debruçarmos sobre o próprio futuro destes fundos. A própria noção de fundos privados oriundos do meio científico nos parece ameaçada. Os fundos científicos privados atualmente conhecidos abrangem, mais geralmente, outras publicações (separatas ou publicações do pesquisador, teses e trabalhos recebidos por ele), correspondência, cadernos de notas e de experiências, rascunhos de artigos, notas de leitura e de trabalhos, diplomas, prêmios e recompensas, textos de cursos, conferências, palestras e seminários, bem como fotografias²⁶. Encontramos, com muita evidência, documentos de origem pública, subtraídos pelo pesquisador na época em que ele exercia suas responsabilidades ou que ele tenha levado como lembrança, no momento de seu desligamento²⁷.

Ora, há alguns anos, uma inovação em termos de tamanho surgiu no mundo da pesquisa: o acesso, através de redes eletrônicas²⁸, a servidores no mundo inteiro. A integração de uma equipe a uma rede permite a ela trocar informações, em tempo real ou quase, com pesquisadores do mundo inteiro na sua disciplina e oferecer ou encontrar serviços. As redes são como estradas que permitem chegar a espécies de centros comerciais e zonas de atividades virtuais. Podemos assinar boletins informativos, recuperar gratuitamente programas de computador e seu modo de funcionamento, consultar bibliotecas, ler artigos ainda não publicados, enviar e receber tese sem que haja uma só troca de papel, passar anúncios e os receber, enviar e receber correspondência, participar de fóruns, etc. Estas duas últimas são amplamente utilizadas. O eletrônico tem todas as características do telefone (a possibilidade de con-

versação em tempo real, o lado informal das trocas) e da escrita (a possibilidade de imprimir, de arquivar, de reenviar uma mensagem, a utilização de caixas de correspondência). Tomando os elementos que lhes são próprios e distintos, e eliminando a maior parte dos contratempos (o que se deseja acrescentar não está aí, acabou o papel na fotocopiadora, defasagem horária, fax quebrado ou sobrecarregado), o correio eletrônico se torna único e indispensável. Cada vez mais utilizado, ele torna obsoleta a maior parte dos intercâmbios científicos tradicionais. Claro que uma boa parte deste intercâmbio, tal qual ele se dava anteriormente (as discussões *off the road* nos colóquios e reuniões de trabalho), não deixava e ainda não deixa registros, mas havia o correio²⁹, já ultrapassado pelo telefone. Hoje, o correio em papel quase não é mais utilizado, exceto quando a administração o solicita, e assim mesmo este uso está em plena transformação.

Da mesma maneira, até os anos 60, os grandes cientistas reuniam à sua volta uma equipe que eles mesmos dirigiam geralmente com pulso firme. Os temas evoluíam mais lentamente. Hoje, as equipes se formam e se dispersam à vontade dos recursos e dos meios. Técnicos, engenheiros e pesquisadores compartilham com seus documentos, seus materiais. Uma equipe de pesquisa de alto gabarito constitui-se ao redor de um programa de pesquisas que se desenrola por vários anos. Esta equipe pode reunir pesquisadores e técnicos de diversas proveniências administrativas (laboratórios) e geográficas (pesquisadores associados, doutorandos, bolsistas, professores convidados, etc.). Ao final da experiência, uma vez obtidos e publicados os resultados, eles se separam, carregando consigo os diferentes documentos, planos e dispositivos experimentais produzidos e utilizados no decorrer da experiência. Assim, a publicação final dos resultados ainda é a única testemunha e a única compilação de informações que adquire estatuto de documento de referência³⁰, até mesmo de arquivo de laboratório. Mesmo que todos ou parte dos materiais de trabalho permaneçam no local, no lugar da experiência, eles não são protegidos para tanto. Aqueles que os produziram e os utilizaram, partem ou se dedicam a outros temas de pesquisa, e estes produtos intermediários da pesquisa são abandonados antes de serem eliminados. Abandono e destruição, antes de ser consequência de uma política reflexiva, são o resultado da negligência e da ignorância do valor que estes materiais poderiam ter para outros.

Esta dificuldade de conservar a memória da atividade de indivíduos ou de grupos encontra-se em outros setores que tentaram encontrar soluções. Em certos domínios, os arquivistas profissionais sofrem a concorrência de historiadores; estes últimos consideram, no caso, que “os arquivos são uma coisa séria demais para ser deixada com os arquivistas”³¹. Estes domínios são, pelo menos na França, disciplinas que têm a seu favor um público crescente em razão da divulgação que eles permitem³². A cada ofício ou pesquisa específica (a arquitetura, a edição, o trabalho sobre os jornais femininos dos séculos XIX e XX...), corresponderia um arquivamento específico³³. Os centros especializados consideram a possibilidade, que eles transformam em necessidade, de poder pesquisar sistematicamente uma área de atividade. Ao invés de esperar que os arquivos cheguem por “via normal”, eles se esforçam para se manter a par dos fundos existentes e ameaçados. Uma outra maneira é constituir os fundos à medida da criação dos documentos. Os críticos de arte, por exemplo, propõem o depósito de seus arquivos como uma troca de serviços: o crítico deposita seus documentos de uma maneira progressiva, à medida de sua criação e desde que não sejam mais utilizados e, em troca, são elaboradas uma bibliografia, uma biografia e uma lista de assuntos-chave³⁴. Temos, então, uma espécie de petrificação do pesquisador (crítico, artista, cientista, como quiser) durante a vida. Nos casos de arquivos ligados a uma produção artística, parece muito arriscado confiar na sorte, e é preferível incitar o produtor a zelar, o mais cedo possível, por seu legado documental.

Uma outra corrente de pesquisadores, mais individualistas³⁵, reivindica o direito de constituir os “arquivos selvagens”. Por selvagem, deve-se entender o direito do pesquisador de constituir seu próprio *corpus* de pesquisa. Estes historiadores montam seus fundos de arquivo em função de seus temas de pesquisa e, como seu laboratório não é um depósito, eles se voltam para as estruturas de recebimento exis-

tentes³⁶. O método de coleta privilegiado destas políticas passa pela amostragem e a seleção *a priori*. São tomados ou pesquisados os arquivos cujo interesse foi determinado previamente. A pesquisa de documentos se faz por via de anúncio, exame minucioso de catálogos de vendas e contatos pessoais. Os critérios de representatividade ou de interesse são variáveis: eles estão ligados aos problemas de conservação material (lugar) às possibilidades de exploração de todo ou parte do fundo (trabalho de pesquisa ou edições comercializadas); à necessidade de completar séries ou, ao contrário, de pesquisar elementos diferentes daqueles já depositados e aos temas de interesse do pesquisador. Aliás, as escolhas nem sempre são compatíveis com um distanciamento sério de um narcisismo inegável. Os itens que permitem ao pesquisador, ao mesmo tempo, satisfazer e justificar suas orientações, e à instituição solicitar novos recursos para aquisição, tornam-se aqueles que são julgados dignos do esforço de salvaguarda e de conservação. Este risco posto à parte, a seleção *a priori*, operada pelos profissionais do arquivamento, ajusta-se, necessariamente, à oferta. Todos os eventuais depositários não cedem às solicitações; longe disso, já que eles não tiram nenhum proveito real. Não obstante, os exemplos que apresentamos revelam, para a maior parte dos setores que despertam interesse para o (grande) público³⁷ e/ou um interesse de mercado (manuscritos de escritores; planos de arquitetos), interesses que aumentam os riscos de dispersão de fundos documentais, mas que facilitam as demandas de financiamento público ou privado.

Notemos, então, dois elementos destas experiências paralelas. Um (a urgência de salvar memórias e patrimônio) une o sentimento dos arquivistas: os fundos, ditos privados e ligados a uma atividade criativa, são muito misturados. O outro (a seleção *a priori*), em compensação, está em contradição com nossas práticas profissionais que tendem a uma maior neutralidade.

“Existe uma grande vantagem em viver para trás. A memória trabalha nos dois sentidos”³⁸.

A verdadeira questão é esta: quais traços da ciência devem ser guardados? É necessário guardar (arquivar?) a proveta onde a experiência nasceu? Quer dizer, a memória dos ingredientes que são encontrados numa mesma proveta, o gesto do cientista ou do técnico que os misturou, os esquemas, fotografias e notas tiradas, os intercâmbios científicos que saem dali, até o desfecho de todo esse exercício: o artigo.

O critério discriminante mais simples de se utilizar não é o uso que pensamos fazer destes arquivos constituídos. Os cientistas conhecem um uso da memória que poderia ser qualificado como de “conservação sentimental”: a gente mostra um objeto do qual nós somos orgulhosos mesmo que ele não sirva mais, porque ele é o símbolo de uma pesquisa inovadora e de sucesso³⁹. Porém, mais freqüentemente, se os dados são guardados, “arquivados”, é porque eles poderiam ser reutilizados pelas equipes agregadas a eles ou por outras, dando lugar a outras explorações e produzindo outros resultados. O objetivo da conservação visado pelo cientista é sempre o uso científico. O valor que justifica, para ele, o esforço da conservação é o interesse científico. Nem as somas empregadas ou o tempo gasto numa pesquisa, nem o projeto de uma retomada na perspectiva histórica, incita os cientistas à conservação de materiais brutos, se o projeto é abandonado. Se a pesquisa está acabada e deu lugar a outras pesquisas, serão guardados somente os elementos que permitem a continuação do trabalho⁴⁰. A conservação de grandes bases de dados constituídas para a pesquisa, suscita problemas análogos. Antes de nos inquietarmos com os meios de sua conservação, nós devemos, antes de tudo, nos perguntar para quem devemos guardá-las e para qual uso. Se se trata de estocá-las para que, um dia, um cientista possa retomar estes dados e fazer uma outra exploração à luz dos avanços de seu domínio, este é o uso científico. Trata-se de conhecer a origem destes dados, o objetivo que presidiu a sua reunião, as explorações que foram feitas, as equipes que foram formadas em torno destes trabalhos. Existem, sem dúvida, outros materiais documentais a serem salvos prioritariamente. Nós devemos evitar uma corrida para a tecnologia, que vai nos deixar sempre ultrapassados pelos meios utilizados e, na verdade, nos perguntar o que deve ser conservado, da proveta às práticas do pesquisador, passando pela caderneta de protocolo e a separata. Quanto mais coi-

sas quisermos guardar, mais os meios (financeiros, de espaço e de pessoal) concedidos devem ser importantes; e nós sabemos como é difícil obtê-los. A comunidade científica dificilmente compreende que deve pagar por aquilo que não tem mais qualquer uso por ela, seja experimental ou de memória. Os meios da ciência são totalmente dedicados ao futuro e nós estamos naquilo que não existe mais para um cientista: o passado.

O outro uso do arquivamento científico é certamente o do historiador. Guardar os dados ou os objetos que foram alvo de uma exploração, com a idéia de reutilizá-los para se obter outras conclusões, não é o uso do historiador das ciências, é o de um pesquisador, quer seja biólogo, geógrafo ou sociólogo. Guardar os vestígios de um trabalho científico para estudar uma disciplina, um laboratório, é ver uma outra dimensão, impor um outro desenvolvimento temporal que não tem nada a ver com a realidade científica. Os objetos que os historiadores desejam conservar não serão nunca os mesmos que servirão aos cientistas.

Há, então, a urgência de sair do âmbito estreito do arquivo para se pensar em termos dos documentos oriundos das práticas científicas. Conservar os arquivos, mas também os objetos e a memória das práticas, é um projeto ambicioso e, no entanto, realista⁴¹. Para resolver os antagonismos que foram evocados, é necessário ir a campo, coletar mais de perto a realidade das práticas documentais do meio ambiente da ciência contemporânea. Principalmente aí, poderemos descobrir em qual lugar se guarda o papel, material pelos quais as técnicas de análise e de conservação são muito bem conhecidas e mais fáceis de manusear. Este lugar do papel será para quantificar, em termos de volume físico, e para qualificar; trata-se de saber de qual valor científico ele é avalista, e qual é sua importância numa estratégia de pesquisa. Na ocasião deste trabalho de campo, terá que se distinguir, igualmente, as práticas próprias de cada campo disciplinar; as ciências da observação teriam, certamente, produção diferente daquelas das ciências da experimentação⁴². Certas disciplinas criam ferramentas, protótipos, inventam novos locais de trabalho. Estes objetos da ciência não têm necessariamente vocação para serem conservados em seu estado físico de origem, sob pena de suscitar problemas materiais evidentes. Mas com tanto a conservar, o que seria melhor guardar? A máquina propriamente dita ou o que permitiu sua construção, uma memória organizada de sua utilização? Dito de outra maneira, vale mais guardar num sótão ou num depósito um equipamento que vai enferrujar, e do qual ninguém, em qualquer tempo, saberá o que fazer, ou um inventário detalhado do aparelho, tomado sob todos os aspectos (fotografias, esquemas, avisos e até vídeos)? O ideal, certamente, é ter tudo em um mesmo lugar, à disposição de todos, mas nem sempre isto é possível. Como não poderemos guardar tudo, será necessário definir critérios de conservação e de inventário. Sob a palavra inventário, nós exprimimos o desejo de contribuir para a criação de normas de descrição e de reprodução (fotografias, registros de áudio e audiovisuais) aplicáveis aos objetos e lugares da ciência. Munidos de um saber enriquecido e rejuvenescido, nós poderemos vislumbrar o prosseguimento de nosso trabalho de ampliação de um patrimônio de primeira importância.

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*Odile Welfele é conservadora chefe dos Archives Nationales da França, em missão no CNRS. E-mail: odile.welfele@culture.gouv.fr; owelfele@citechailot.org. Este trabalho foi publicado originalmente em <http://www.cnrs.fr/Archives/ARISC/travaux/gazette163.html#gazette>, com o título em francês *L'éprouvette archivée. Réflexions sur les archives et les matériaux documentaires issus de la pratique scientifique contemporaine*. Republicado neste periódico, com alterações da autora, e traduzido por Maria Celina Soares de Mello e Silva, doutoranda em História Social pela USP e arquivista do Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST/MCT.*

1 CARROLL, Lewis. *Alice's adventures in Wonderland*. Tradução de André Bay.[S. l.]: Edições Marabout, 1975.

2 JOLY, Bertrand. Les archives contemporaines ont-elles un avenir? *Gazette des archives*, n. 134-135, juil./dec. 1986.

3 Existe uma variante oriunda da expressão "rato de biblioteca", que tende a nos comparar aos roedores.

4 JOLY, op. cit.

5 Nota do tradutor. No original: *érudits-nègres*, expressão para a qual não existe similar em português. Normalmente, utiliza-se a expressão inglesa "ghost-writers", utilizada para denominar aquele que escreve um texto que será assinado por outro.

6 Todos estes vocabulários foram emprestados do artigo de PÉROTIN, Yves. *Les archivists et le mépris*. *Gazette des archives*, n. 68, p. 7-23, jan./mars 1970, fonte indispensável de inspiração.

- 7 MORELLE, Laurent. Les missions et la Recherche. Gazette des archives, n. 137-138, p. 178-187, avr./sept. 1987.
- 8 WELFELÉ, Odile. Guide de survie en milie hostile. Cahiers pour l'histoire du CNRS, n.3, p.7-17, 1989.
- 9 Herói do filme de Terry Gillian, *Brazil* (1985), um dos muito raros personagens de cinema que era arquivista profissional e não tinha vontade de mudar de ofício, mas, infelizmente, sua mãe tinha para ele outras ambições.
- 10 *Nocturne indien*. Direção de Alain Carneau. França, 1989.
- 11 CARROLL, op. cit.
- 12 Lewis Carroll, *Through the looking glass*, extrato de um diálogo entre Alice e a Rainha Branca: " - I can't remember things before they happen". (Alice) "- it's a poor sort of memory that works only backwards, the Queen remarked".
- 13 Arquivos do Laboratório Louis Néel (físico), do fundo Maurice Pardé (potomologia), do IMAG (Informática e Matemática Aplicadas), em Grenoble. Em geral, estes fundos não passam dos fins dos anos 70.
- 14 Seminário do Centre de recherches en histoire des sciences et des techniques (Cité des sciences et de l'industrie), dirigido por Dominique Pestre.
- 15 Institut national de la santé et de la recherche médicale, Institut français de recherche scientifique pour le développement en coopération (mais conhecido pela sua antiga sigla ORSTROM) e Institut national de la recherche agronomique.
- 16 Arquivos com os documentos mais clássicos: dossiês de administração, correspondência, obras e separatas. Poucos documentos iconográficos.
- 17 Como belamente dizia Yves Pérotin: "nós subimos um ou dois degraus da escada enquanto que, ao nosso lado, pessoas saltam dez ou vinte, de um salto, ou até muito simplesmente, tomam o elevador", op. cit., p.19.
- 18 *Faire de l'histoire*. 1ère partie: Nouveaux problèmes. Paris: Gallimard, 1974. Introdução de Jacques le Goff e Pierre Nora, p. XIII.
- 19 LATOUR, Bruno. *La vie de laboratoire*. La production des faits scientifiques. Paris: La Découverte, 1988. p. 19.
- 20 CERTEAU, Michel de. *L'opération historique*. In: *Faire de l'histoire*, op. cit., p. 3-41.
- 21 "O projeto foi concebido essencialmente para as coleções existentes, isto é, em grande maioria em suporte papel. Nada mais falso, entretanto, que imaginar um monstro imóvel". HAMON, Maurice. *Saint-Gobain-Pont-à-Mousson et les archives*. Gazette des archives, n. 106, p. 188, juil./sept. 1979.
- 22 "A maior parte das comunicações informais tem como referência a literatura publicada... Nós consagramos uma energia considerável para inventar meios de superar qualquer forma de traço escrito que poderia ser lido". LATOUR, op. cit., p. 44-45.
- 23 "Toda apresentação e toda discussão de resultados procedem de projeção de diapositivos, folhas de protocolo, separatas, etiquetas ou artigos", LATOUR, op. cit.
- 24 MOCKY, Jean-Pierre. *Y a-t-il un français dans la salle?*, 1982, segundo o romance de Frédéric Dard, de 1979.
- 25 Podemos compreender do termo papéis, depositados por uma pessoa física ou seus herdeiros, que estes tenham sido constituídos no quadro público. Evitaremos, aqui, o debate sobre a legitimidade da qualificação de "privado" dada a estes papéis.
- 26 Inventário dos arquivos de Aimé Cotton por T. Charmasson, inventário dos documentos de Paul Langevin por S. Balédent, e inventário dos documentos pessoais de Louis Néel por O. Welfelé.
- 27 Resumo de conselhos de laboratórios, breves, conselhos de administração, etc.
- 28 Internet é, na França, Renater.
- 29 Os documentos pessoais de Louis Néel, como os de Alfred Kastler, por exemplo, compreendem uma correspondência abundante com numerosas personalidades científicas, políticas e artísticas.
- 30 "Uma vez que se dispõe do produto final (o artigo), nos apressamos em esquecer o conjunto das etapas intermediárias que permitiram a sua produção", LATOUR, op. cit.
- 31 Proposta apresentada por um orador no Colóquio do Institut Mémoires de l'édition contemporaine (IMEC), em 25 e 26 de maio em Paris, sobre o tema: "Arquivos e pesquisa: na direção de uma nova inteligência dos arquivos?".
- 32 Manuscritos literários coletados pelo IMEC e arquivos de arquitetos, por exemplo. Podemos observar que o valor intrínseco também é acompanhado por um valor de mercado (autógrafos, correspondência e documentos ilustrados).
- 33 Quando do Colóquio do IMEC, foi apresentado o coletivo "arquivos de vidas privadas" (Paris), os arquivos da crítica de arte, o centro de pesquisa Harry Ransom d'Austin, no Texas, e o Deutsches Literaturarchiv, de Marbach.
- 34 O IMEC tem uma política análoga a respeito de qualquer escritor contemporâneo vivo.
- 35 Philippe Lejeune, pesquisador do Institut des textes et manuscrits modernes (ITEM, CNRS), e animador do coletivo "arquivos de vidas privadas", é o portavoz desta tendência.
- 36 O pesquisador mencionado acima recomenda enfaticamente o depósito de jornais íntimos do século XIX junto a bibliotecas e desaconselha o recurso aos arquivos.
- 37 Por consequência a publicação pelo IMEC do *Journal de captivité e da autobiografia, L'avenir dure longtemps*, de Louis Althusser, extrato dos arquivos depositados no IMEC.
- 38 Lewis Carroll, *Through the looking glass*: "There's one great advantage in it (living backwards), that one's memory works both ways" [a Rainha Branca].
- 39 O sucesso de uma experiência e de uma pesquisa é determinante na vontade que os pesquisadores têm de guardar uma memória ampliada.
- 40 LATOUR, op. cit.
- 41 Este projeto foi concretizado no programa ARISC (arquivos oriundos das ciências contemporâneas), programa de pesquisa-ação sobre as práticas documentais, a produção e a conservação dos materiais documentais e de objetos na ciência contemporânea. Este programa é o objeto de um acordo entre a missão da pesquisa e da tecnologia do Ministério da Cultura e o Serviço de organização e do Sistema de Informação (missão do Arquivo nacional), do CNRS.
- 42 *Understanding progress as process*. Final report of the Joint Committee on Archives of Science and Technology. The Society of American Archivists, 1983.

Artigo recebido em 07/2004. Tradução aprovada em 09/2004.